

(RE) DESCOBRINDO IDENTIDADES ATRAVÉS DA LITERATURA JUVENIL.

CLAUDIO LOURENÇO DE OLIVEIRA (CAP-UFRJ), VITOR REBELLO RAMOS MELLO (UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS).

Resumo

Os Parâmetros Curriculares Nacionais ressaltam a importância de se construir a identidade da criança de maneira progressiva através do entrelace de várias áreas do saber, buscando, assim, um todo significativo no processo ensino-aprendizagem. A Lei 11645/08, através da qual se tornou obrigatório o estudo das culturas afro-brasileira e indígena nas escolas, de certa forma, também caminha na mesma direção dos PCNs, uma vez que falar sobre a África implica abordar temas relacionados à identidade e às várias disciplinas pelas quais pode ser abordado o alicerce cultural desses grupos étnicos. Porém, ao observarmos muitos livros que tratam do tema em questão, percebemos que sobre ele recai um olhar impregnado de preconceitos. No entanto, é importante ressaltar que os PCN's posicionam-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. Assim, através do fio condutor da literatura juvenil, serão analisados aspectos sociais e culturais representativos da África, enraizados em solo brasileiro que podem ser trabalhados interdisciplinarmente em sala de aula. Para tanto, será foco desta análise a obra "Meu tataravô era africano" (2008), de Georgina Martins e Teresa Silva Telles, que aborda essas questões utilizando a Literatura através do texto narrativo e a História, que corrobora com fatos e acontecimentos relevantes para a formação da identidade do nosso país.

Palavras-chave:

África, Brasil, Identidades.

"Quem me pariu foi o ventre do navio

Quem me ouviu foi o vento no vazio

Do ventre escuro de um porão

Vou baixar no seu terreiro

Epa raio machado trovão

Epa justiça de guerreiro."

(MENDES & CAPINAM)

Atualmente, discutir identidade é um processo muito complexo. Se há poucas décadas essa discussão se resumia às nacionalidades, hoje em dia ela está muito mais ampla. O sociólogo europeu Zygmunt Bauman, em sua obra *Identidade* (2005), se refere aos dias de hoje como uma era líquido-moderna, em que as vidas são voláteis, negociáveis e revogáveis. Em nossa sociedade contemporaneamente globalizada, o ser humano tornou-se multifacetado. Se hoje ele é múltiplo, isso se deve ao fato de estar constantemente buscando identidades, uma vez que elas

"flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta (...)" (2005: 19).

No Brasil, esta polivalência de identidades é, em grande parte, fruto da miscigenação do seu povo. Com tantas origens, o país apresenta uma pluralidade cultural muito grande. No entanto, sempre se privilegiaram determinados grupos em detrimento de outros. De uns tempos para cá, tem-se procurado contrabalançar certas injustiças históricas, sobretudo com relação às ditas minorias. Dessa maneira, os Parâmetros Curriculares Nacionais, seguindo essa tendência, apontam como um de seus objetivos:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (1998)

Leis como a 10639/2003 - transformada em 11645/2008 - que tornam obrigatório o ensino de cultura e história afrobrasileira e dos indígenas nas escolas, são iniciativas positivas para ratificar a cultura desses grupos étnicos na sociedade brasileira e no combate à discriminação. A partir dela, nasce uma demanda muito grande por informação, estudos e obras literárias que contemplem a temática desta lei, principalmente àquelas destinadas aos jovens. O livro *Meu tataravô era africano (2008)* das professoras Georgina Martins e Teresa Silva Telles, ilustrado por Maurício Negro, é um exemplo desta demanda, pois ele aborda a presença de aspectos sociais e culturais de África em solo brasileiro.

Desta forma, em consonância com a recente preocupação de nossa sociedade em resgatar, valorizar e preservar a memória cultural afrobrasileira, este artigo tem como principal finalidade discutir, através do fio condutor da literatura juvenil, as influências africanas na construção da identidade de nosso povo. Para tanto, serão focados dois aspectos contextualizados na obra em análise: identidade e interdisciplinaridade.

Nesse sentido, a literatura juvenil se apresenta como meio de reflexão para tais questões e funciona como ferramenta para a compreensão de valores básicos da conduta humana e do convívio social, tais como o caráter, a ética, o senso crítico e o respeito à diversidade. No entanto, apesar de possuírem um mercado editorial extenso e estudiosos interessados nesse campo da literatura, as obras voltadas para o público infantil e juvenil, ainda hoje, são questionadas em relação a sua literariedade e relevância. De acordo com as professoras e escritoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, na obra *Literatura Infantil Brasileira - História e Histórias (1985)*, o tratamento dado hoje a essa vertente literária faz parte de um processo histórico que, aqui no Brasil, se iniciou por volta de 1970, quando a literatura infantil e juvenil assumiu, além do valor pedagógico inerente a ela, outras características discursivas. Como os textos voltados para as crianças e jovens "eram" vistos como uma literatura menos valorizada, muitos autores se utilizaram dessa vertente literária para denunciar toda a problemática engendrada pela ditadura militar, aumentando, de certo modo, o fluxo de livros na sociedade. Seguindo essa linha de raciocínio, reflexões de teóricos voltados para essa forma de expressão literária apontam para a importância de se entender a literatura infantil simplesmente como literatura, sem rótulos. No entanto, não se nega sua aptidão didática e muitas vezes pedagógica. Sobre este assunto, a professora Nelly Novaes

Coelho escreve em seu livro *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*: "a valorização da literatura infantil, como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das sociedades, é conquista recente" (2006: 30).

O livro em questão segue esta afirmativa, pois pode ser considerado um livro paradidático, uma vez que aponta tanto para o pedagógico quanto para o literário, ou seja, uma obra cuja característica é a interdisciplinaridade. *Meu tataravô era africano* apresenta questões referentes ao negro no Brasil que faz com que o leitor redescubra sua história e se identifique com as populações afro-descendentes. Seu enredo gira em torno do menino Inácio, seu avô, bisneto de africanos, e seu trabalho escolar. Após a aula de História, ele é incumbido de pesquisar sobre os negros escravizados que vieram do continente africano. Inquieto, o menino chega às pressas em casa à procura de seu avô, julgando que esse fosse um negro escravo, pois de acordo com o que ele aprendera "(...) os negros vieram da África e que, antigamente, todos os negros eram escravos. Então se o vovô é negro, ele veio da África e era escravo" (MARTINS & TELLES, 2008: 7). Todavia, através da mãe, o jovem descobre que seu tataravô foi quem veio escravizado do continente africano e que seu avô nasceu no Brasil. Assim, após a chegada do avô, ele e o menino iniciam a leitura de um texto discutido na escola sobre as origens e a vida dos negros no Brasil durante o período escravista. A partir deste momento, o livro passa a intercalar duas narrativas que dialogam entre si: o menino e avô lendo, e o próprio texto escolar.

Percebe-se, durante a narrativa, que a pesquisa passada no colégio pela docente fomenta no menino, de certa maneira, questões sobre suas origens, através da figura do avô, do mais velho. Essa atitude de Inácio remete à tradição cultural das sociedades africanas tradicionais, uma vez que para elas a figura do ancião está relacionada ao saber, à transmissão de valores e costumes. A instituição família, hoje tão fragmentada no mundo pós-moderno, é o alicerce e a maneira de manter viva a história desses povos, já que a base da sociedade africana é o culto aos ancestrais. Essa característica fica evidente no livro *Memória D'África - a temática africana em sala de aula*, do antropólogo e professor Carlos Serrano e do sociólogo Mauricio Waldman: "(...) para o africano típico, a sua identidade está, em primeiro lugar, centrada no núcleo familiar. A família constitui o cerne da vida social no continente (...)" (2007:129). Ainda sob esta perspectiva, Stuart Hall, uma das figuras mais importantes da área de estudos culturais, no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, aponta que "a identidade é definida historicamente e não biologicamente" (2006: 13).

Em África - diferentemente do que acontece na Europa, por exemplo - a família não se limita apenas aos parentes mais próximos. Nas sociedades tradicionais africanas, a chamada "família extensa" engloba os primos, os tios, os cunhados, os vizinhos, os amigos, aqueles que já viveram e até mesmo aqueles que ainda estão por nascer. Como SERRANO e WALDMAN (2007) explicam, o sentimento mais importante é o pertencimento. Desta forma, a dor de viver longe da família vivida pelos africanos escravizados ganha proporções muito maiores do que se imaginava até pouco tempo. Apenas mais um agravante no tocante à escravidão dos negros, evidenciado também em *Meu tataravô era africano*. Outra menção importante de ser destacada diz respeito à religião. A conversa de avô e neto revive muitas memórias do mais velho. Uma delas é das roupas coloridas e danças do terreiro de candomblé que a bisavó de Inácio tinha. Mesmo que timidamente, o livro - através das lembranças do avô - faz menção positiva a respeito das religiões afrobrasileiras, religiões essas centradas neste mesmo conceito de família dos africanos. É interessante perceber que o Brasil - país de tradição ocidental, de pensamento judaico cristão - por conta de sua histórica miscigenação, mescla

elementos de diferentes civilizações. A família africana, em muitos contextos é uma delas.

Ao longo da obra, encontram-se diversas passagens em que o menino e o avô se perguntam como seria a vida deles durante aqueles tempos. "- Ainda bem que você não era escravo, não é vô? Já pensou se você tivesse vindo para cá nesses navios?" (MARTINS & TELLES, 2008: 21). O menino, impactado com as cruéis descrições da vida dos escravizados, reconhece em si um passado sofrido. O avô se recorda, como há muito não o fazia, de histórias que sua mãe contava. Algumas que ele ainda se lembra: "À noite, eu e meus irmãos sentávamos em volta dela para ouvir histórias. A gente até chorava com pena do nosso bisavô" (MARTINS & TELLES, 2008: 21). Mais uma vez, observa-se numa simples situação uma tradição milenar: a oralidade. Esta pode ser lida como mais uma referência à cultura africana, pois para eles a palavra é a memória viva. Em África, mais vale um testemunho oral do que escrito. É como o escritor e diplomata do Mali, país da África Ocidental, Amadou Hampaté Ba, escreve se referindo à palavra nas sociedades africanas:

Nelas é pela palavra falada que se transmite de geração a geração o patrimônio cultural de um povo. A soma dos conhecimentos sobre a natureza e a vida, os valores morais da sociedade, a concepção religiosa do mundo, o domínio das forças ocultas que cercam o homem, o segredo da iniciação nos diversos ofícios, o relato dos eventos passados ou contemporâneos, o canto ritual, a lenda, a poesia - tudo isso é guardado pela memória coletiva, a verdadeira modeladora da alma africana e arquivo de sua história. (1979: 17)

Portanto, observamos que há no livro *Meu tataravô era africano (2008)* a preocupação de mostrar não apenas a história dos negros escravizados e importados para o Brasil, mas também evidenciar como - aparentemente - pequenas situações vividas aqui têm grande relação com os antepassados africanos e, conseqüentemente, com o modo de vida do brasileiro.

No que diz respeito à interdisciplinaridade, é importante ressaltar o potencial da obra nesse aspecto. *Meu tataravô era africano (2008)* é um livro que pode ser facilmente trabalhado dentro da sala de aula, sob o viés de diversas disciplinas escolares. Existem diversos elementos, fragmentos e passagens que podem ser explorados e/ou problematizados em História, Geografia, Literatura, Língua Portuguesa e Artes Plásticas, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais. Logo nas páginas iniciais (8 e 9) da obra juvenil, o leitor é presenteado com a letra da música *Babá Alapalá*, uma das faixas do álbum *Refavela (1977)* de Gilberto Gil, um dos mais importantes compositores da música popular brasileira. O texto de Gil, além de fazer referência à língua iorubá, através do próprio título da canção, aborda a questão do Candomblé, ao falar do orixá Xangô Aganju, e da ancestralidade, uma vez que Babá Alapá é um egum (ancestral) de Xangô. Esse diálogo textual enriquece a narrativa dando a ela um tom poético. A letra da música funciona, também, como referência ao início da narrativa, pois, como mencionado anteriormente, o enredo trata de um menino e seu avô conhecendo a história de seus antepassados.

O filho perguntou pro pai: / Onde é que tá o meu avô / O meu avô onde é que tá? / O pai perguntou pro avô: Onde é que tá meu bisavô / Meu bisavô onde é que tá? / Avô

perguntou bisavô: Onde é que tá tataravô/ tataravô onde é que tá?/ Tataravô/
Bisavô,/ Avô

(MARTINS & TELLES, 2008: 8,9)

Neste momento, as autoras estabelecem diretamente diálogo entre esses dois textos, aproximando-os de maneira interdisciplinar, uma vez que podem ser trabalhados com os alunos em Língua Portuguesa, focalizando a questão dos gêneros textuais, e em Literatura através da arte a qual as pessoas de todos os níveis sociais têm mais acesso, que é a música. Além disso, há o fragmento de Tragédia no mar (O navio negreiro) de Castro Alves, excelente fonte textual para trabalhar a questão dos negros escravizados trazidos para o Brasil, fazendo um paralelo com o livro.

Para o ensino de História, a obra é uma boa fonte de informações, curiosidades e dados referentes à escravidão dos negros, principalmente no "texto didático", lido pelo avô e por Inácio. Isso acontece a partir de diálogos entre os dois personagens, numa narrativa de memória. Assim, os elementos e fatos históricos, durante o corpo do texto preenchem a obra, que peca um pouco quanto ao apuro da linguagem, que poderia descrever de forma menos cruel e repetitiva as torturas e ao mesmo tempo, distinguir a noção de negro = escravo que há anos é repetida pelas escolas brasileiras. Apesar dessas considerações, *Meu tataravô era africano* (2008) é uma boa fonte para se trabalhar essa temática, sobretudo com os jovens.

Com relação ao ensino de Geografia, a obra possui um mapa muito bem ilustrado (das rotas comerciais entre Brasil e África, páginas 22 e 23) e descrições de determinados ambientes de tempos atrás - como as cidades e as fazendas. O livro contempla também a questão da miscigenação entre índios, negros e brancos e, principalmente, possui um rico acervo de imagens de arquivo (pinturas famosas, fotos, classificados de jornais de época) que tanto podem ser utilizadas na área de Geografia quanto na área de História.

As imagens também se podem destinar ao ensino de Literatura, evidenciando-se a construção da narrativa através das fotos de arquivo - que têm como utilidade "apoiar" a compreensão do texto - e das belíssimas pirogravuras, arte de desenhar ou gravar, com ferro incandescente, realizadas por Maurício Negro - que servem para atizar a imaginação e a reflexão do leitor a respeito da temática. Assim, o uso do ferro pode ser associado às marcas sofridas pelos escravizados, tornando o processo de elaboração das ilustrações também um elemento sócio-histórico. Um excelente trabalho que pode ter como respaldo a disciplina de Artes, uma vez que essas ilustrações abordam aspectos da cultura africana de um modo geral, como a religiosidade, em alguns momentos trabalhando a questão identitária do negro africano.

Enfim, *Meu tataravô era africano* (2008) é um verdadeiro baú de informações, que resgata o momento mais doloroso dos negros africanos os quais foram arrancados de suas terras pelos colonizadores portugueses e massacrados nos porões dos navios negreiros. Efetivamente, como apontam MENDES & CAPINAM (2003) na epígrafe deste trabalho, muitas pessoas foram paridas sob dois aspectos: a liberdade representada pelo mar e o aprisionamento representado pelo navio. Todavia, sem dúvida, esse aprisionamento ficou apenas na matéria (corpo físico) do africano e não na alma, uma vez que sua cultura até hoje influencia o povo brasileiro. Assim, identidades pertencentes a eles ainda, na pós-modernidade, são

preservadas, agrupadas e expandidas pelo africano que está enraizado em cada brasileiro.

Referências Bibliográficas

BA, Amadou Hampaté. *A palavra, memória viva na África*. In: Correio da Unesco. Ano 07, nº 10. 1979.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira - História e Histórias*. São Paulo: Ática, 1985.

MARTINS, Georgina e TELLES, Teresa Silva. *Meu tataravô era africano*. Ilustrações de Maurício Negro. São Paulo: DCL, 2008.

MENDES, Roberto & CAPINAM. *Yáyá massemba*. In: BETHÂNIA, Maria. CD Brasileirinho, 2003.

SERRANO, Carlos e WALDMAN, Maurício. *Memória D'África - A temática africana em sala de aula*. São Paulo: Editora Cortez: 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - Terceiros e Quarto ciclos do Ensino Fundamental: Temas transversais. Brasil, 1998.